

## Fernando de Oliveira, o Gramático?

---

Justino Mendes de Almeida

*À memória de  
Maria Leonor  
Carvalhão Buescu*

Já depois de ter indicado o título para esta minha comunicação, hesitei se deveria alterá-lo, pela simples razão de que a designação de *gramático* para Fernando de Oliveira não é correcta, embora esteja, por assim dizer, consagrada pelo uso. A palavra *gramático* foi aplicada aos estudiosos romanos de língua e literatura, nada tendo a ver com o estudo da ciência mais tarde designada por *Gramática*. A palavra *gramático* era assim um sinónimo de *humanista*, e não de estudioso da gramática. Por outro lado, é abusivo designar o compêndio de Fernando de Oliveira por *Gramática*, uma vez que o próprio autor designa, no cólofon da obra, por “primeira anotação da língua portuguesa”, e não a designa por *gramática*. Foram os estudiosos portugueses quinhentistas que inventaram, para a obra de Fernando de Oliveira, que se ocupa de aspectos gramaticais, a designação de *Gramática da Língua Portuguesa*, não prevendo que tal atitude viria a chocar-se com a designação da obra de João de Barros, essa sim que é e se designa por *Gramática da Língua Portuguesa*.



Poderíamos charmar-lhe, usando uma expressão alheia, “homem das Arábias”, tal foi a diversidade da sua vida, plena de aventuras e de peripécias, e dos temas que desenvolveu. De Aveiro para uns, de Pedrógão para outros, Fernando de Oliveira é afinal um dessa plêiade dos homens do Renascimento, que se ocuparam de aspectos gramaticais, que inovaram, dedicando-se mais às suas próprias línguas do que ao latim. Sabemos que foi noviço dominicano e teve fortes altercações com a Igreja e que, além das obras mais conhecidas, foi

também tradutor dos livros primeiro e segundo e dos primeiros oito capítulos do *De re rustica* de Columela, agrónomo do tempo de Tibério e de Cláudio, autor de duas obras que chegaram até nós: *De arboribus* e *De re rustica*, traduções publicadas nos *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras*, tomo IV, parte segunda.

Vamos ocupar-nos, em particular, de um dos homens eruditos do Renascimento que se dedicaram à descrição, não já do latim, mas das suas próprias línguas maternas, como disse, procurando esclarecer, de vez, por que motivo é designado como autor de uma gramática da língua portuguesa, publicada em 1536, quando, afinal, para a maioria, o autor da primeira gramática do Português é o humanista João de Barros, cuja *Gramática* é de 1540, portanto quatro anos depois do compêndio de Oliveira. Como se explica isto? Leia-se o cólofon do compêndio de Oliveira:

Acabouse dempremir esta premeira anotação  
da língua Portuguesa . por mandado do muy  
manifico senhor dom Fernando Dalma-  
da . em Lixbõa . e casa d Germão galhar  
de aos . xxvij . días do mes de Janeyro  
de mjl e qnhetos e trinta e seis  
annos de nossa saluaçam  
Deo gratias.

Depois, este significativo prolóquio:

*Todas cousas tê seu tepo: e os oçiosos o perde.*

O grande Mestre Hêrnani Cidade já apresentava oralmente uma explicação: a Idade Média continuou os processos latinos dos gramáticos romanos que se limitavam a meras listas de palavras, gramaticalmente classificadas, mas sem uma orientação pedagógica: substantivos, adjectivos, verbos, preposições, advérbios.

Sabe-se que o final do século XV acolheu em Portugal, por intervenção do monarca D. Afonso V, as inovações do humanismo italiano, que, no que respeita à Gramática, apresenta pela primeira vez a inovação de divisão em Fonética, Morfologia e Sintaxe.

E é João de Barros quem primeiro expõe em Portugal, seguindo o modelo italiano, essa inovação. Daqui se partiu, e com justiça, para a criação da primeira gramática da língua portuguesa por João de Barros, critério seguido pelos gramáticos posteriores, como Duarte Nunes do Leão. João de Barros não era somente um grande historiador e moralista, era também um pedagogo da escola de Froebel, de quem se pode dizer um precursor e pouca gente saberá que a melopeia de Froebel, alemão especialista em pedagogia infantil, fundador de museus da infância, consubstanciada em figuras apropriadas, era a cartilha de João de Barros, a cartilha maternal do século XVI. Mas ainda há mais. Há bem pouco apareceu no mercado, sendo adquirida pela Biblioteca Nacional, uma obra de João de Barros, um manuscrito iluminado, de cuja existência até agora ninguém tinha suspeitado sequer. Essa obra é uma arte de gramática latina por sistema figurado, critério seguido por Froebel, e foi mencionada pela primeira vez por Sousa Viterbo, no *Boletim da Segunda Classe* da Academia Real das Ciências de Lisboa, I, p. 69, em 14 de Abril de 1898, em sessão na Academia.

O mais extenso analista de Fernando de Oliveira foi o Académico Henrique Lopes de Mendonça cujo trabalho se consubstancia no manuscrito 1641 da Série Azul da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Como era de esperar, ainda que a obra em geral de Fernando de Oliveira se distribuísse por temas de história sagrada e profana, incidindo particularmente no estudo dos poetas e oradores, a verdade é que foi a história náutica a área que mais ocupou Lopes de Mendonça. No entanto, registre-se que o maior gramático português da época, entenda-se uma vez mais gramático = humanista, Jerónimo Cardoso, famoso mestre de letras humanas, dirigiu-se a Fernando de Oliveira na trigésima das suas cartas nos termos mais elogiosos, comparando-o ao gramático Quintiliano, orador do tempo de Domiciano, autor dos *De institutione oratoria*: peritíssimo na Retórica, mas não menos

na ortografia da língua materna, na qual atingiu mérito semelhante ao que alcançou na ciência náutica.

Ao dedicarmos este trabalho à memória de Maria Leonor Carvalhão Buescu, temos presente que foi esta estudiosa quem primeiro chamou a atenção para a importância da *Gramática da Linguagem Portuguesa*, de Fernando de Oliveira, e que insistiu pela necessidade de se promover uma edição crítica deste livro que felizmente já hoje possuímos graças à persistência do Doutor Amadeu Torres. Mas, por nós, o que mais desejaríamos seria vê-la incluída na primorosa colecção *Portugaliae Monumenta Typographica*, tão auspiciosamente iniciada com o *Tratado de Confissom*, à semelhança da que realizaram em Espanha Pascual Galindo Romeo e Luís Ortiz Muñoz para a *Gramatica Castelhana* de António de Nebrija.

Vem, talvez, a propósito sugerir que nesta colecção, em que se integra a edição moderna do livro de Oliveira, se poderia publicar uma edição actualizada da mais simples e melhor gramática da língua portuguesa até hoje editada: a *Gramática Prática da Língua Portuguesa*, de Epifânio Dias (“*Proles sine matre creata* [...] Bastaria só a *Gramática Portuguesa* para consagrar a individualidade do Snr. Epifânio ante os vindouros [...]” - Rev. Lusit., XIX, 340-342), ou, ao menos, da *Gramática Portuguesa para Uso das Aulas de Instrução Primária (Gramática Portuguesa Elementar*, a partir da quarta edição). Seria, a um tempo, uma digna homenagem ao seu egrégio autor e um bom serviço a prestar a docentes e discentes, de todos os graus do ensino, tão carecidos de um compêndio, breve, mas seguro, na didáctica da língua portuguesa.

Façamos então uma rápida apreciação da obra que é objecto desta exposição. O texto é precedido de uma “Introdução”, dividida em partes, e estas, por sua vez, subdivididas em números, tudo com a finalidade — atingida — de clareza da exposição. O tema versado na primeira parte é “A tradição gramatical anterior ao Renascimento”, ou seja, uma tentativa de esboço das origens, natureza e finalidades das gramáticas grega e latina, com referências aos seus principais cultores e teorizadores; a importância e qualidade dos estudos gramaticais na Idade Média e as primeiras reflexões sobre as línguas

vulgares; a proliferação de “artes de gramática” na segunda metade do século XVI.

Em suma: podemos dizer que a gramática, prelúdio da iniciação literária, é o verdadeiro fundamento da erudição medieval.

Referem-se alguns aspectos da vida “extravagante” dessa aventureira figura de heterodoxo, “um típico espírito da Renascença, muito mais típico do que os poetas italianizantes, que têm monopolizado as atenções dos historiadores da literatura, os dos sonetos, églogas e madrigais. O seu nome é indelével da nossa história intelectual do grande século”, como afirmou o Prof. Fidelino de Figueiredo.

O seu melhor biógrafo, onde todos posteriormente se informaram, foi Henrique Lopes de Mendonça, ao reeditar em 1898, para a Academia Real das Ciências, o *Livro da Fabrica das Naos*, como publicação comemorativa do centenário do descobrimento da Índia.

Quanto à dúvida, tantas vezes suscitada, acerca da cronologia das “gramáticas” de Fernando de Oliveira e de João de Barros, a quem pertence realmente a prioridade de redacção da primeira gramática da língua portuguesa? Como já referimos, o problema pode solucionar-se muito simplesmente, se tivermos em conta o facto de que o próprio Fernando de Oliveira chama à sua obra, como já lembrámos, *uma primeira anotação da língua portuguesa*, e não uma gramática.

Há na obra de Oliveira passos que é interessante reproduzir. Vejamos um deles, a p. 45: “[...] apliquemos nosso trabalho a nossa língua e gente e ficará com maior eternidade a memória dele e não trabalhemos em língua estrangeira, mas apuremos tanto a nossa com boas doutrinas, que a possamos ensinar a muitas outras gentes e sempre seremos delas louvados e amados porque a semelhança é causa do amor e mais em as línguas. E, ao contrário, vemos em África, Guiné, Brasil e Índia não amarem muito os portugueses que entre eles nascem só pela diferença da língua e os de lá nascidos querem bem aos seus portugueses e chamam-lhes seus porque falam assim como eles.”

Registemos também que pertence a Oliveira a primeira designação genérica de *Autos* para as peças de Gil Vicente, designação que os estudiosos modernos de Gil Vicente passaram a utilizar.

Em resumo, é possível e correcto afirmar que a primeira gramática da língua portuguesa é efectivamente a de João de Barros, impressa em 1540, porque a obra de Fernando de Oliveira, correntemente designada por gramática da língua portuguesa, embora impressa em 1536, é designada pelo seu autor não como gramática, mas como *uma primeira anotação da língua portuguesa*. A classificação de Fonética, Morfologia e Sintaxe só apareceu com João de Barros e foi depois adoptada pelos gramáticos posteriores, enquanto em Fernando de Oliveira mais não havia do que, à maneira latina, listas de palavras agrupadas em substantivos, adjectivos, verbos, advérbios, etc.

Fernando de Oliveira pode continuar a ser designado por gramático, sinónimo de humanista, e não como gramático seguindo o exemplo de João de Barros, este, sim, gramático segundo a moderna terminologia.

Quanto ao nome, sigamos a lição de Leite de Vasconcelos, no vol. III dos *Opúsculos*, p. 100-101:

“Na origem deve ter sido: Fernão só antes da consoante, mantendo-se paralelamente -de antes da vogal: cf. Fernam d’Alvarez, Fernam d’Afonso e Fernam Lopez num mesmo documento e próximos: Séc. XV, AHP, II, 197. O nosso mais antigo gramático chama-se a si mesmo Fernão d’Oliveira na sua gramática, 1536 (mas antes diz: “per mandado do muy manifico senhor Dom Fernando Dalmada em Lixbõa, etc.”, no fim da obra); na *Arte da Guerra*, 1555, assina-se no frontispício: *Fernando Oliveyra*, e dentro diz *Fernandoliveyra* (em uma só palavra). O fac-símile da assinatura dele, tal como vem no importante livro do Sr. Lopes de Mendonça, intitulado *O Padre Fernando Oliveira*, Lisboa, 1898, é *Fernandoliveira* (a última vogal do nome com a primeira do apelido). Por um lado *Fernão* é forma resumida de *Fernando* (cf. *são* a par de *santo*); por outro lado *Oliveira* é originariamente nome geográfico, e quando se tornou apelido era precedido de *de*; em virtude

— | | —

disto parece-me que as oscilações na escrita do nome representam todas *Fernão d'Oliveira* e não *Fernando Oliveira*. A teoria é: Fernando da Oliveira > Fernando de Oliveira > Fernando d'Oliveira > Fernan-d'Oliveira.”

*Op.* III, 100-101.

Benavente, 12 de Outubro de 2007